





silêncio do deserto de Madián que Deus convoca Moisés para a revelação da sarça ardente: “*Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob.* Moisés escondeu o rosto, pois não se atrevia a olhar para Deus” (*Êx 3, 6*).

A Deus que fala, que o convida a cuidar novamente do povo de Israel, Moisés opõe os seus receios e as suas objeções: não é digno daquela missão, não conhece o nome de Deus, os israelitas não acreditarão nele, tem uma língua que gagueja... E assim muitas objeções. A palavra que floresce mais frequentemente nos lábios de Moisés, em cada oração que dirige a Deus, é a pergunta: “Porquê?”. Por que me enviastes? Por que quereis libertar este povo? No Pentateuco há até um trecho dramático, onde Deus repreende Moisés pela sua falta de confiança, falta que o impedirá de entrar na terra prometida (cf. *Nm 20, 12*).

Com estes temores, com este coração que muitas vezes vacila, como pode Moisés rezar? Na verdade, Moisés parece um homem como nós. E isto também acontece a nós: quando temos dúvidas, *mas como podemos rezar?* Nós conseguimos rezar. E é com a sua fraqueza, e também com a sua força, que ficamos impressionados. Apesar de ser encarregado por Deus de transmitir a Lei ao seu povo, de ser fundador do culto divino, de ser mediador dos mistérios mais altos, não deixa de manter estreitos vínculos de solidariedade com o seu povo, especialmente na hora da tentação e do pecado. Sempre ligado ao seu povo. Moisés nunca perdeu a memória do seu povo. E esta é uma grandeza dos pastores: não esquecer o povo, não esquecer as raízes. É isto que Paulo diz ao seu amado jovem bispo Timóteo: “Recorda a tua mãe e a tua avó, as tuas raízes, o teu povo”. Moisés é tão amigo de Deus que pode

falar com Ele face a face (cf. *Êx* 33, 11); e permanecerá tão amigo dos homens que sentirá misericórdia pelos seus pecados, pelas suas tentações, pela inesperada nostalgia que os exilados têm em relação ao passado, lembrando-se de quando estavam no Egito.

Moisés não nega a Deus, mas também não nega o seu povo. É coerente com o seu sangue, é coerente com a voz de Deus. Portanto, Moisés não é um líder autoritário nem despótico; pelo contrário, o Livro dos Números define-o “mais humilde e paciente do que qualquer homem sobre a terra” (cf. 12, 3). Apesar da sua condição privilegiada, Moisés não deixa de pertencer àquele grupo de pobres em espírito que vivem fazendo da confiança em Deus o viático do próprio caminho. Ele é um homem do povo.

Assim, a forma mais adequada de Moisés rezar será *a intercessão* (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2574). A sua fé em Deus é uma só com o sentido de paternidade que nutre pelo seu povo. Habitualmente, a Escritura representa-o com as mãos erguidas para o alto, para Deus, como se servisse de ponte com a sua pessoa entre o céu e a terra. Até nos momentos mais difíceis, até no dia em que o povo rejeita a Deus e a ele mesmo como guia, fazendo um bezerro de ouro, Moisés não quer pôr de lado o seu povo. É o meu povo. É o seu povo. É o meu povo. Não nega a Deus ou ao povo. E diz a Deus: “Este povo cometeu um grande pecado: fez para si mesmo um deus de ouro. Rogo-vos que lhe perdoeis este pecado! Caso contrário, apagai-me do livro que escrevestes!” (*Êx* 32, 31-32). Moisés não permuta o povo. Ele é a ponte, ele é o intercessor. Ambos, o povo e Deus, e ele está no meio. Ele não vende o seu povo para

fazer carreira. Não é um carreirista, é um intercessor: pelo seu povo, pela sua carne, pela sua história, pela sua gente e por Deus que o chamou. É a ponte. Que bom exemplo para todos os pastores que devem ser “ponte”. É por isso que se chamam *pontifex*, pontes. Os pastores são pontes entre o povo a que pertencem e Deus, a quem pertencem por vocação. Assim é Moisés: “Perdoai, Senhor, o seu pecado, pois se não perdoares, apagai-me do livro que escrevestes. Não quero fazer carreira com o meu povo”.

E esta é a oração que os verdadeiros fiéis cultivam na sua vida espiritual. Embora experimentem as falhas das pessoas e a sua distância de Deus, estes orantes não as condenam, nem as rejeitam. A atitude de intercessão é própria dos Santos que, à imitação de Jesus, são “pontes” entre Deus e o seu povo. Neste sentido, Moisés foi o maior profeta de Jesus, nosso

defensor e intercessor (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2577). E também hoje, Jesus é o *pontífex*, ele é a ponte entre nós e o Pai. E Jesus intercede por nós, mostra ao Pai as feridas que são o preço da nossa salvação e intercede. E Moisés é a figura de Jesus que reza por nós hoje, ele intercede por nós.

Moisés exorta-nos a rezar com o mesmo fervor de Jesus, a interceder pelo mundo, a recordar que ele, apesar de todas as suas fragilidades, pertence sempre a Deus. Todos pertencem a Deus. Os piores pecadores, as pessoas mais perversas, os líderes mais corruptos, são filhos de Deus e Jesus sente isso e intercede por todos. E o mundo vive e prospera graças à bênção dos justos, à oração de piedade, esta oração de piedade que o santo, o justo, o intercessor, o sacerdote, o Bispo, o Papa, o leigo, qualquer batizado, eleva incessantemente

pelos homens, em todos os lugares e épocas da história. Pensem em Moisés, o intercessor. E quando temos vontade de condenar alguém e nos irritamos interiormente - irritar-se faz bem, mas condenar não - intercedemos por ele: isto ajuda-nos muito.

---

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/os-santos-sao-pontes-entre-deus-e-os-homens/>  
(18/02/2026)